

Apesar de a história ser fictícia, é inspirada em discursos reais e no mito de *Édipo Rei*. Retrata um presidente coagido pelas crescentes divulgações midiáticas, que o incriminam de corrupção. Apresenta falas de mulheres que sofreram algum tipo de coerção física e/ou verbal por seus parceiros. E finalmente, aborda as questões de exclusão, abandono, pobreza, violência e preconceito. As figuras míticas de Édipo, Jocasta e Antígona são ressignificadas em outros contextos envolvendo abusos de poder, relacionamentos amorosos e transfobia. O texto questiona quem mente e para quem mentimos. A quem queremos enganar?

¹ Mestranda no Programa Interdisciplinar em Performances Culturais da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, onde desenvolve a seguinte pesquisa: por que os voluntários de Goiânia elegem a figura do palhaço em suas intervenções em Hospitais? Formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Estado de Goiás, tem MBA em Gestão Empresarial (Fundação Getúlio Vargas) e Pós-graduação em Construção Civil (Universidade Federal de Goiás), Master, Executive e Professional Coach pela Academia Brasileira de Coach, com certificação Internacional pelo Behavioral Coach Institute. Proprietária da Empresa Construction Atêlie de Arquitetura, palestrante e representante da vertente que defende a arquitetura como forma de expressar psicológico do indivíduo, a formação de espaços sustentáveis e de interação pessoal e artística dos espaços. Diretora e palhaça do Grupo PalhaCia em Goiás, grupo que promove ações de educação, inserção social e mudança de ambiente, através da arte, para crianças hospitalizadas e marginalizadas.

Quem mente?

Roberta Machado Silva

Cena I - Discurso do Presidente

Existe uma luz debaixo para cima direcionada ao espaço do palanque. O presidente entra imitando o corpo de um robô e inicia o discurso de costas para a plateia. A projeção na parede aumenta os movimentos mecânicos do ator. O restante do cenário permanece escuro.

PRESIDENTE: Ao cumprimentá-los quero fazer uma declaração a todos, e desde logo ressalto que declaro agora, pois decidi conhecer primeiro o conteúdo de gravações que me citam. Solicitei, ao Supremo Tribunal acesso a estes documentos, mas até o presente momento não consegui. Quero deixar claro que meu governo sofreu esta semana seu pior e melhor momento. Os indicadores de queda da inflação, os números de retorno da economia e os dados de geração de emprego criam esperança de dias melhores. O otimismo retorna e as reformas avançavam no Congresso Nacional. Contudo, a revelação da conversa gravada, trouxe de volta o fantasma de uma crise política. Portanto, o imenso esforço de retirar o país da sua maior recessão pode ser inútil. E nós não podemos jogar no lixo tanto trabalho. Ouvi realmente o relato de um empresário que por ter relações como ex-deputado auxiliava a família do parlamentar. Não solicitei que isso acontecesse e somente tive conhecimento deste fato nesta conversa do empresário. Repito e ressalto (*a fala é cortada como se o robô estivesse em pane*), em nenhum momento solicitei que pagassem a quem quer que seja para ficar calado. Não comprei o silêncio de ninguém, porque não temo nenhuma delação, não preciso de cargo público, nem de nenhum foro especial. Nada tenho a esconder, sempre honrei meu nome. (*Há sempre indícios corpóreos do ator que o robô está em pane*) E nunca autorizei que utilizassem meu nome indevidamente. E por isso quero registrar enfaticamente (*o ator repete a palavra por três vezes como uma vitrola quebrada*), a investigação pedida pelo STF será território onde surgirão todas as explicações e no Supremo demonstrarei não ter nenhum envolvimento com estes fatos. Não renunciarei. Repito: Não renunciarei (*Novamente o ator repete a fala – Não renunciarei, como um vinil arranhado. Fazendo movimentos robóticos repetidos com o corpo também*). Sei o que fiz e sei da

correção dos meus atos, exijo investigação plena e rápida, para os esclarecimentos ao povo. Esta situação de dúvida não pode persistir. Se foram rápidas as gravações clandestinas não podem tardar nas investigações e na solução das mesmas (*congelamento como se houvesse parado de vez e posterior retomada*) meu único compromisso meus senhores e minhas senhoras é com o país e é só este compromisso que me guiará. Muito obrigado. Muito boa noite a todos.

(A luz se apaga e o Presidente congela em cena. Entra o Coringa, pelo meio da plateia- grunhindo – procurando alguém, ele vai jogando o foco da luz – lanterna – no rosto das pessoas. Fala com voz rouca e entrecortada).

CORINGA: Que bonito discurso, não é mesmo? Que voz ecoante, não acha? Que vocabulário! *(Para e muda a expressão)* Inflação, economia, emprego. Esperança? *(Fala entre grunhidos)* Conversa fiada. Gravada? Quem conta? Ouvi o relato. E o povo? *(Joga a luz na plateia)* Calado. *(Coringa – grunhindo, como que em uma reza ou ritual – vai até as velas no canto oposto ao presidente e as acende uma a uma. Volta e termina a conversa)* Quem mente? Quem sabe? A mulher dele sabe?

(Sai Coringa e senta próximo à plateia. Todas as luzes se apagam, só permanece a iluminação das velas).

Cena 2 – Jocasta Morta

JOCASTA: *(Da plateia ela levanta e fala)* Meu Édipo. *(Caminhando até o palco só se ouve o barulho do salto, até chegar à cadeira que está posicionada entre as velas e fala.)* Meu Édipo é minha paixão. Eu nunca fui mulher da rua, da vida. Nunca precisei, meu Édipo sempre cuidou de mim. Começamos a namorar muito cedo. No início nós éramos inseparáveis. Naquela época eu ainda dançava. *(Exprimindo saudade)* Ele me levava pra toda parte me apresentava pros amigos, a gente ia a convenções, simpósios, conferências. Sabe, né? Meu Édipo é importante. *(À medida que fala vai retirando os acessórios do figurino e se desconstruindo).* Mas agora eu tenho que cuidar da casa *(Apaga uma vela)*. Ele não deixa faltar nada em casa, cada um tem as suas obrigações, não é mesmo? Tenho que ir ao supermercado, levar o menino ao médico *(Conforme transcorre as falas vai apagando as velas com as partes do corpo, e vai se desfazendo dos acessórios elegantes)*. Não acho que ele seja

machista. Ele reconhece que a mulher tem tripla jornada, com certeza, ele já até incorporou este fato. Podia ter anunciado isso hoje. Eu não saio muito de casa só quando é preciso mesmo, é que ele é muito ciumento. (*Rindo, achando graça*) Na maioria das vezes ele vai comigo. Você acredita que ele é tãaaao ciumento que eu não posso ficar olhando para as pessoas? (*Começa a parecer um pouco perturbada como que enlouquecida*) Celular? Eu não tenho, porque mulher séria não fica de conversinha. Quando minha mãe precisa ela liga pra mim lá em casa. Às vezes ele é um pouco (*Demonstra com atos que ele é agressivo*), mas é porque me ama. Uma vez ele (*fala cobrindo o rosto, como se tivesse levado um soco*), porque eu chamei meu primo pra vir visitar a gente. É claro, ele tinha razão, ele não ia estar em casa, como que uma mulher decente recebe um homem em casa sem o marido (*Muda de expressão e sorri*). Ele fala que eu sou tão maravilhosa que tudo que eu faço tem que ser muito bom também. E se não tá bom (*fala se encolhendo como se tivesse apanhado novamente*). Outro dia ele me obrigou a... (*Insinua um estupro com a cadeira*) E que mulher tem que satisfazer o marido e não é todo dia que a gente tem vontade, não é mesmo? Daí ele (*fala segurando firmemente o pescoço como se tivesse sido enforcada*), porque eu tenho que fazer e que ter vontade quando ele quer (*Fala mudando a expressão como se fosse dona de si*). É claro que eu acho ruim quando ele me xinga; eu sei que isso é humilhante, escuto “poucas e boas”, mas casamento é assim, tem seus momentos bons e ruins. E ele só faz isso porque se importa comigo. Porque eu sou bonita, recatada e do lar (*Muda a cara rapidamente, e transparece ternura*). Nós temos dois filhos. Eu considero, né? O nosso filho mesmo, ele o levou embora (*triste*). É porque ele tinha uns probleminhas, ele só tinha contato comigo, então ele gostava de coisas de mulher, era muita influência minha, eu estava fazendo mal pro menino (*Com um par de sapatos no braço a ninar, deixa transparecer que a criança é arrancada dos seus braços*). Daí meu Édipo levou ele pra uma escola de homem. O outro menino ele me trouxe depois, bebezinho ainda. Ele disse que é filho de uma amiga antiga da faculdade. Ela deu pra ele criar porque não estava interessada em criar filho de malandro (*Faz uma cara de ternura*). Meu Édipo tem um coração muito generoso. Vê se pode? E como ela teve coragem de engravidar de um cara desses. (*Muda rapidamente, se alinha, arruma os cabelos que já estão muito desajeitados e senta na cadeira como se entrasse em um carro*). Eu vou indo, já está tarde, preciso cuidar do meu filho. Meu Édipo? Não, hoje ele não dorme em casa, tem trabalho fora da cidade.

(Fala sentando e apaga a última vela. Quando o ruído acaba, sai novamente o Coringa da plateia com uma luz na cara e um grunhido forte).

CORINGA: Mulher gosta de apanhar *(Fala insultando as mulheres da plateia)* Você tem que cuidar da casa, essa porra não tá limpa. Você não é boa influência. Tá falando com quem? Tá olhando pra onde? Que roupa é essa? *(Mudando a expressão, mas ainda grunhindo)* Amor. Ilusão. Mentira. O quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos. E os filhos para onde vão? O que será que acontece com eles?

(Vai se afastando novamente e entra na coxia. Se a peça for apresentada em espaço aberto o Coringa pode se misturar na plateia e assistir de lá, desde que sua luz esteja apagada para não haver interferências).

Cena 3 - Antígona quebra barraco

ANTÍGONA: Meu nome, Antígona *(Um refletor acende repentinamente no centro do palco. Neste momento a atriz já chegou lá no escuro, com sua mala)* Mas não foi sempre assim, me chamavam de Laio, como meu avô. Talvez esperassem que eu fosse como ele, mas não o conheci, ele morreu. Assassinado. Ninguém sabe como, quem sabe alguém ainda procure uma resposta. *(Vai tirando apetrechos de dentro da mala e vai se montando. Todos os movimentos são coreografados como em uma dança)* Eles me tiraram de casa muito cedo. Mas eu não lamento, só sinto falta de minha mãe, a gente dançava quando meu pai saía *(Faz movimentos deixando a entender que a mãe é Jocasta aprisionada no canto)*. A música não podia ser muito alta senão algum canarinho contava pra ele. A gente se divertia, era uma forma de sair daquela prisão, a única que nós tínhamos. Às vezes, me pergunto se ela ainda vive na gaiola, mas nunca mais tive notícias *(A coreografia até aqui remete a pássaros presos)*. Foi na escola. Na escola começaram a reclamar para os meus pais que eu tinha um problema, uma doença, e eles viam como a possibilidade de homossexualismo *(A coreografia passa abruptamente a se parecer/ remeter com uma surra)*. Daí eu voltava pra casa, levava uma surra. Me levantavam de cabeça pra baixo, me batiam com a fivela da cinta. Depois eu era tratado com vinagre e sal para me recuperar. Foi assim até quando eles me suportaram. Então, meu pai me levou embora e me deixou em um orfanato. Lá eu apanhei, fui estuprada, sofri sozinha, cheia de perguntas, sem carinho, sem nada nem ninguém *(As*

falas são cortadas por movimentos abruptos de dor e sofrimento). Sempre me senti inadequada, isso já era natural. Afinal eu era excluída, marginal. Eu sempre me sentia mulher, mas as pessoas me diziam (*Fala se alinhando como se quisesse adquirir as características pela postura*) toma jeito de homem. Anda direito, fala direito, seja discreto. Que roupa é essa? (*Triste*) Fui um estranho pra mim mesmo. Até ter que sair de lá. Então, quando tive que me virar, me prostituí. (*Afrontando a plateia*) Qual é? Eu precisava de dinheiro. Ninguém aceitava, mas sempre fui Antígona. Não me davam emprego sem um documento, o que você acha? E eu, nunca fui Laio (*Se mostra mais forte e superior - a fala se dá enquanto ela calça os sapatos*). Foi difícil, mas eu superei. Paguei minha cirurgia. Meus documentos demoraram, mas saíram. Paguei meus estudos, também. Mas eu dei sorte, a maioria das mulheres como eu, meu filho, abandona os estudos. Eu cheguei à faculdade, estudei (*Passando batom*). E graças ao meu amado, agora me tornei diretora da faculdade de Belas Artes, ele tem umas influências aí, sabe? Agora eu não preciso me preocupar, ele cuida de mim (*Voltando-se ao lugar do palco aonde se encontra o Presidente*). Meu Édipo cuida de mim. (*A luz decresce. E do escuro surge novamente o Coringa rindo escandalosamente*).

CORINGA: E você? Quais são as suas mentiras? (*Coringa deixa a luz da lanterna focando no centro, todos se direcionam até e repetem: "Então, quem mente?"*).

FIM

Submetido em: 19 jul. 2019

Aprovado em: 09 out. 2019